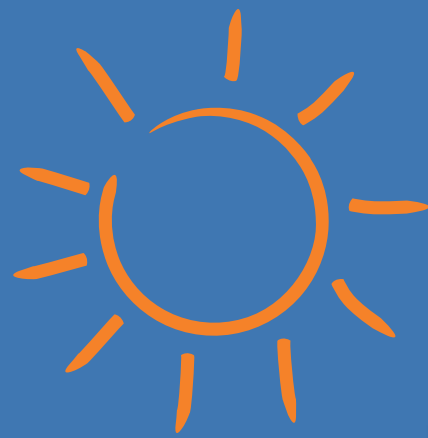


# A história da Solvay em Portugal



A Póvoa de Santa Iria e a Solvay Portugal partilham uma história de crescimento. Ambas se desenvolveram notavelmente ao longo dos últimos 75 anos, para atingirem as posições de relevo que detêm na região e no contexto económico e social do País.

Joaquim Coelho

Contramestre no departamento Produtos Clorados



Das marinhas de sal, extintas na segunda metade do século passado, que constituíram a principal riqueza da Póvoa, as origens perdem-se na memória dos tempos. A certeza, porém, é que achados arqueológicos de artefactos pré-históricos datam já do Paleolítico; que importantes vestígios romanos levam a admitir a navegação no Tejo e a ocupação humana da zona; e que as referências à exploração de salinas recuam aos tempos da I Dinastia.

O Morgado da Póvoa, que se desenvolveu a partir da Quinta da Piedade, floresceu com a extracção de sal das águas do Tejo e inúmeras famílias ganharam o seu pão na actividade salineira, que séculos a fio pautou a vida numa extensa faixa ribeirinha.

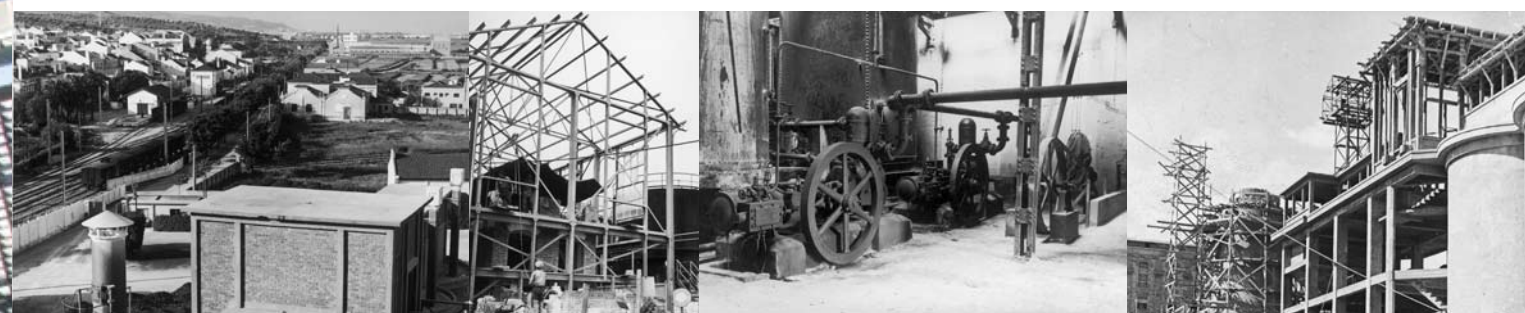
A agricultura, a pesca, os transportes fluviais e o trabalho nas salinas e telhais ocuparam os

uma soda encarniçada, também não era grande coisa...

## Era uma vez um navio...

Tudo principiou por altura da I Guerra Mundial, ou melhor, um pouco antes desta ter começado, em 1914. Um país da América do Sul encomendou na Alemanha o equipamento necessário à instalação de uma pequena fábrica de carbonato de soda, pelo processo Solvay do amoníaco, o único aplicável então e que tinha substituído o processo Leblanc.

À época, a tecnologia do processo estava nas mãos da sociedade belga Solvay et Cie., das suas filiais e de alguns associados. E o segredo estava tão bem guardado, que o construtor alemão das



habitantes da Póvoa de D. Martinho, sétimo senhor feudal de quem a localidade tomou o nome, durante mais de três séculos.

A indústria, mesmo assim, implantou-se cedo. Após a inauguração do primeiro troço de caminho de ferro (1856) entre Lisboa e o Carregado, instalou-se, em 1867, a Fábrica da Póvoa (adubos químicos) e, em 1877, a Companhia de Moagens de Santa Iria (moagem de cereais), o que muito contribuiu, com o desenvolvimento da Soda Póvoa, para o carácter marcadamente industrial que o lugar viria a assumir.

Ao tempo da instalação de uma fabriqueta de carbonato de soda na Póvoa de Santa Iria, esta não passava de uma aldeola. Não havia energia eléctrica, nem igreja, nem farmácia e água canalizada só no chafariz. O centro era o ponto de junção entre a estrada nacional, que atravessava a povoação, e a estação ferroviária.

Mas a fábrica, um conjunto de construções assentes em estacaria de pinho verde, frequentemente inundadas pelas cheias do Tejo, onde se produzia

máquinas encomendadas teve de recorrer à única documentação a que teve acesso. Foi assim que, baseando-se no Tratado de A. Schreil (de 1905), construiu aparelhos já largamente ultrapassados.

Quando o navio alemão, que transportava os equipamentos com destino à América do Sul, entrou nas águas do Atlântico, deflagrou o Conflito Mundial. Para não ser tomado pelos ingleses, o navio refugiou-se no Tejo, em Lisboa, acabando por ser apreendido pela Marinha portuguesa, quando o País entrou na Guerra.

Portugal viveu uma grande escassez de carbonato de sódio e derivados e de soda cáustica, durante a I Guerra. Foi, possivelmente, essa falta de produtos que fez com que algumas pessoas se lembrassem dessa maquinaria, que ficara por cá. Entre elas, contava-se um cidadão francês, R. Touzet, que resolveu adquirir os equipamentos e montar a fábrica na Póvoa de Santa Iria. A construção da “Velha Fábrica” deve ter ficado concluída nos anos 20. E é desses edifícios que ainda subsiste, nalguns locais, a estacaria de pinho verde, conservada pela água salgada existente no subsolo.

## Finalmente... Soda!

Os promotores do empreendimento não foram bem sucedidos. Se a maquinaria alemã já nessa altura era obsoleta, quem se encontrava à frente dela não possuía conhecimento prático do processo, nem dispunha do conselho de especialistas, pelo que não tardou a que a fábrica se imobilizasse.

No início da década de 30, o director da Companhia Industrial Portuguesa (CIP), Lopes Raimundo, também professor de Química Industrial no Instituto Superior Técnico, pensou que poderia pôr a fábrica a trabalhar. A CIP adquiriu, então, a sociedade e dos primeiros ensaios resultaram algumas toneladas de carbonato de sódio. De péssima qualidade, é verdade, mas era Soda! E isso foi o suficiente para despertar a atenção de

## Um casamento feliz

A nova sociedade adoptou a designação Soda Póvoa, por uma razão óbvia: trata-se do casamento entre o nome do produto a fabricar (Soda Solvay) e o lugar onde a fábrica se instalara (Póvoa de Santa Iria). Em inícios de 1934, a Soda Póvoa toma posse das instalações fabris e começa a epopeia da Empresa.

A começo, claro, tudo foram dificuldades: rejeições de amoníaco, destilação entupida de seis em seis horas, desmoronamento do forno de cal, explosão, no dia de Natal de 1934, da última das velhas caldeiras, o que provocou uma paragem total da Fábrica.

Uma das matérias-primas básicas, o sal marinho da região, excelente para salgar bacalhau, tinha, devido ao processo de extracção nas marinhas, um elevado teor em sais de cálcio e, especialmente, de magnésio. Na presença do amoníaco, davam precipitados volumosos, que entupiam aparelhos e tubagens obrigando a paragens frequentes.

Só nos anos 50 se atingiu o equilíbrio nos resultados, conseguindo-se uma certa rendibilidade e permitindo até uma redução nos preços.

A partir de então, a cronologia é feita de sucessos e o mérito tem de ser creditado às pessoas, o activo mais precioso.

## Vinte anos sem lucros

Renascida com a modernização da fabricação de carbonato de sódio e o lançamento da fábrica electrolítica, em Março de 1938, para a produção de lixívia cáustica, hipoclorito de sódio e cloreto de cal, a Soda Póvoa vê-se obrigada, apenas seis anos decorridos sobre a sua criação, a “nadar” sozinha.



Manuel Santos Mendonça e da sua representada em Portugal, a Solvay et Cie.

No âmbito da sua política de expansão pela Europa, a Solvay sentiu que era tempo de estar presente, também, em Portugal. Em Junho de 1934, Philippe Aubertin e o Barão Gendebien fecham um acordo com a CIP tendente à constituição de uma nova sociedade, comprometendo-se a Solvay a melhorar o custo industrial e a atingir uma produção anual de 6000 toneladas de carbonato de sódio.

No dia 20 de Setembro de 1934, nasce, então, a Soda Póvoa, com um capital social de 500 mil escudos.

Já em Agosto desse ano havia chegado a Portugal, com a família, o Eng. Clément Dumoulin, que viria a assumir a direcção da Fábrica e a tornar-se o pioneiro da sua expansão.

Mas, em poucos meses, montam-se novas caldeiras, introduzem-se modificações indispensáveis nos equipamentos e inicia-se a verdadeira produção, atingindo-se já em 1938 o objectivo da capacidade anual de 6000 toneladas. Em 1935, a produção anual fora de apenas 925 toneladas de carbonato de sódio, enquanto em 1939 ascenderia já às 7104 toneladas.

A qualidade da primeira Soda produzida pela Fábrica, quando a Solvay lhe deitou a mão, era péssima. O teor dessas primeiras toneladas de produto era baixo em carbonato, excessivo em sal e especialmente em ferro, o que lhe conferia uma tonalidade encarniçada.

Fazer laborar uma fábrica destas em regime contínuo, o único viável neste tipo de instalação, era quase impossível. Os equipamentos eram antiquados e não havia protecções contra a corrosão, o que ocasionava incidentes.

Alguns meses depois de ter deflagrado a II Guerra, ocorre um corte forçado nas relações com a sede da Solvay, em Bruxelas, suspendendo-se a ajuda técnica da “mãe” à “filha” portuguesa. A partir de Maio de 1940, a Fábrica deixou também de poder abastecer-se junto dos seus fornecedores habituais, com excepção da Suíça, da Grã-Bretanha (apesar de muito diminuída) e da Espanha (arruinada pela Guerra Civil de 1936-39).

Mas as maiores ameaças também podem revelar oportunidades: a I Guerra trouxe até Portugal o equipamento inicial e a ideia de o aproveitar; a II obrigou a Fábrica a passar da adolescência à maioridade.

O que poucos saberão é que, durante anos, os lucros foram nulos, registando-se até resultados negativos devido às baixas produções, limitadas aos consumos do País, e aos preços estritamente limitados pelo Governo, que, para combater a inflação, dificilmente autorizava aumentos.



**Solvay Portugal**  
75 anos de futuro

Identidade criada para a celebração do aniversário da Solvay Portugal, em 2009

# Exploração de sal-gema

A **exploração industrial de sal-gema** só começou a suscitar interesse em Portugal nos anos 50, certamente por o País dispor de abundante produção de sal marinho e ter uma tradição secular na sua exploração.

Deve-se ao desenvolvimento das fábricas da Soda Póvoa o despertar desse interesse. Com efeito, a indústria de produtos sódicos e clorados necessita ser abastecida com regularidade e em grande volume, com constância de preço, de um produto de composição química uniforme e elevado teor em cloreto de sódio, condições que o sal marinho não podia oferecer.

O reconhecimento do jazigo de Matacães nº 1, no concelho de Torres Vedras, foi iniciado em 1951 arrancando a exploração em 1957. Em 1964, por iniciativa da então Soda Póvoa, foi constituída a SAGEMA, para dar continuidade a essa exploração.

Dadas as características do jazigo e a presença constante de argilas, margas e calcários no sal, o método de exploração mais indicado é o da dissolução controlada. Este método passa pela injeção de água sob pressão para promover a dissolução do sal, formando cavidades. O sal, assim explorado, é extraído sob a forma de salmoura. As cavidades resultantes da dissolução são separadas por maciços de sal não explorado, que formam pilares e asseguram a estabilidade do terreno. Por esta razão, o método é conhecido na “gíria mineira” como câmaras e pilares.

As sondagens são efectuadas a profundidades que variam entre os 600 e os 1200 metros, sendo a salmoura enviada para o complexo industrial de Póvoa de Santa Iria através de uma conduta com 42 quilómetros de extensão.



**Mina de Matacães**

Extracção de sal-gema, sob a forma de salmoura

# Génese da Interlox em Portugal

A origem da actividade **Interlox** em Portugal data de 1962, ano de arranque de uma fábrica electrolítica pertencente à empresa espanhola **QUIFABEL**, com capacidade para produzir, anualmente, 100 toneladas de peróxido de hidrogénio (vulgarmente, água oxigenada).

Em 1966, a família Abello (proprietária) e a Solvay chegam a acordo para a exploração conjunta dessa instalação, cuja capacidade seria aumentada para 400 ton/ano, a partir de material desafectado da fábrica espanhola de Leon.

Decorridos dois anos, os accionistas espanhóis, já desinteressados do projecto, deixam a QUIFABEL, que permanece, transitoriamente, nas mãos da Solvay. Iniciam-se, então, conversações entre a Solvay e a Laporte e a instalação da Póvoa acaba integrada no grupo Interlox, com a particularidade de ser a sua única fábrica electrolítica de peróxido de hidrogénio.

Na sequência, é decidida a construção de uma nova unidade, já por processo de auto-oxidação, desenhando-se o fecho da fábrica electrolítica, que ocorreria em fins de 1973. Nasce, assim, a *mother plant* (fábrica-piloto) construída em aço inoxidável, num projecto inicial de 3100 ton/ano de H<sub>2</sub>O<sub>2</sub> a 100%, que se traduziu na primeira instalação lançada de raiz pela Interlox.

A fabricação entrou ao serviço a 20 de Janeiro de 1975 e, alguns meses depois, em Setembro, arrancaria a unidade de perborato de sódio.



**Fábrica da Solvay Interlox**

Produção de peróxido de hidrogénio (vulgarmente conhecido como água oxigenada)

# Cronologia de 75 anos de actividade Solvay em Portugal

1934



# Cronologia de 75 anos de actividade Solvay em Portugal



● A Cooperativa do Pessoal da Soda Póvoa, Póvoa de Santa Iria

**1922** Construção por R. Touzet de uma instalação para a produção de carbonato de sódio.

**1934** Aquisição pela Solvay, com a constituição da **Soda Póvoa, SARL**, subsidiária da sociedade Solvay & Cie.

**1938** Arranque da primeira electrólise de sal do País, passando a Empresa a produzir, também, lixívia cáustica electrolítica, cloreto de cal e hipoclorito de sódio.

**1940** Início da produção de silicato de sódio e ácido clorídrico.

**1942** Início da exploração da Pedreira de Vialonga.

**1943** Arranque de uma fabricação de soda cáustica sólida, pelo processo de caustificação. Aumento da capacidade de produção de carbonato de sódio.

**1945** Início da fabricação de cloro líquido.

**1946** Arranque da fabricação de lixívia cáustica de caustificação.

**1947** Início da fabricação de tricloretileno.

**1953** Aumento de capacidade da fábrica de carbonato de sódio.

**1957** Início do abastecimento de salmoura à Fábrica através de uma conduta com origem nas sondagens de sal-gema em Matacães (Torres Vedras).

**1963** Entrada ao serviço da instalação de produção de bicarbonato de sódio.

**1966** Arranque da instalação de produção de carbonato de sódio denso, por compactagem. Início da actividade farmacêutica, com a constituição da **Quimifar**.

**1967** Arranque da fabricação de clorato de sódio e da produção de sal refinado.

**1971** Arranque da produção de carbonato de sódio denso por mono-hidratação e secagem. Ampliação da capacidade da fábrica electrolítica.

**1972** Participação na constituição da **Interox Portuguesa**.

**1974** Investimento no aumento de capacidade da fábrica de carbonato de sódio.

**1975** Arranque das novas fábricas de peróxido de hidrogénio e perborato de sódio, da Interox Portuguesa.

**1976** Entrada ao serviço de uma nova conduta ligando Matacães à Póvoa, com redução significativa do traçado.

**1978** Nova ampliação da fábrica de carbonato de sódio.

● Edifício da Soda Póvoa, SARL, Póvoa de Santa Iria



● Trabalhadores Soda Póvoa, Póvoa de Santa Iria



● Montagem da conduta de salmoura, em 1956, Torres Vedras



● Vista Geral da fábrica, Soda Póvoa, Póvoa de Santa Iria



# Cronologia de 75 anos de actividade Solvay em Portugal



Fase de construção da ponte sobre a linha ferroviária do Norte

